



Edição Especial
III Congresso Internacional de Ensino - CONIEN
Universidade do Minho - Braga, Portugal, 2024

**O IMPACTO DOS EMBAIXADORES ANTI-BULLYING
NUMA ESCOLA PORTUGUESA: AVALIAÇÃO DE UM
PLANO DE PREVENÇÃO**
*THE IMPACT OF ANTI-BULLYING AMBASSADORS IN A PORTUGUESE
SCHOOL: EVALUATING A PREVENTION PLAN*

Hugo Alexandre Simões¹
Beatriz Pereira²
Ivone Pingoello³

Resumo

Este estudo explora a implementação do Plano de Prevenção Anti-Bullying "Escola Sem Medos, Escola para Todos" num agrupamento de escolas da zona centro-litoral de Portugal. De 2022 a 2025, este plano implementa uma abordagem diversificada e inclusiva, englobando alunos e toda a comunidade escolar nas etapas de diagnóstico, prevenção, intervenção e avaliação. Esta pesquisa qualitativa e empírica baseia-se em entrevistas com grupos focais de alunos que desempenham o papel de embaixadores Anti-Bullying, analisando as suas perceções, motivações e os efeitos das formações recebidas. Os achados indicam que capacitar alunos como agentes de mudança e embaixadores Anti-Bullying é uma estratégia eficaz, com resultados positivos na redução do bullying e na criação de um ambiente escolar mais seguro e inclusivo. Estes embaixadores são treinados para identificar situações de bullying, intervir de forma apropriada e apoiar as vítimas, promovendo uma cultura escolar que prioriza o bem-estar e a segurança. O artigo enfatiza a importância do envolvimento ativo de toda a comunidade escolar nas iniciativas Anti-Bullying e a necessidade de implementações cuidadosas e avaliações regulares para ajustar as estratégias às realidades locais. Com base nas evidências de eficácia dos programas citados na literatura, o plano "Escola Sem Medos, Escola para Todos" pretende contribuir de

¹ Centro de Investigação em Estudos da Criança, IE, Universidade do Minho, Portugal.

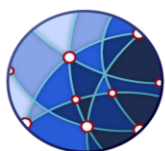
² Centro de Investigação em Estudos da Criança, IE, Universidade do Minho, Portugal.

³ Universidade Estadual do Norte do Paraná.

REPPE: Revista do Programa de Pós-Graduação em Ensino

Universidade Estadual do Norte do Paraná, Cornélio Procópio (PR), v. 8, n. 2, p. 736-755, 2024

ISSN: 2526-9542



III CONIEN
Congresso Internacional de Ensino
PESQUISAS NA ÁREA DE ENSINO:
IMPACTOS, COOPERAÇÕES E VISIBILIDADE

DE 4 A 6 DE SETEMBRO
BRAGA - PORTUGAL



forma significativa para as práticas de prevenção de bullying em Portugal e em contextos educativos semelhantes a nível internacional.

Palavras chave: Embaixadores Anti-Bullying; Plano de Prevenção; Alunos; Escolas; Comunidade.

Abstract

This study explores the implementation of the Anti-Bullying Prevention Plan "School Without Fear, School for All" in a cluster of schools in the central-coastal region of Portugal. From 2022 to 2025, this plan adopts a diverse and inclusive approach, involving students and the entire school community in the stages of diagnosis, prevention, intervention, and evaluation. This qualitative and empirical research is based on focus group interviews with students who serve as Anti-Bullying ambassadors, analyzing their perceptions, motivations, and the impacts of the training they received. The findings indicate that empowering students as change agents and Anti-Bullying ambassadors is an effective strategy, yielding positive results in reducing bullying and creating a safer and more inclusive school environment. These ambassadors are trained to identify bullying situations, intervene appropriately, and support victims, promoting a school culture that prioritizes well-being and safety. The article highlights the importance of active involvement of the entire school community in Anti-Bullying initiatives and the need for careful implementations and regular evaluations to adjust strategies to local realities. Based on evidence of the effectiveness of programs cited in the literature, the "School Without Fear, School for All" plan aims to make a significant contribution to bullying prevention practices in Portugal and similar educational contexts internationally.

Keywords: Anti-Bullying Ambassadors; Prevention Plan; Students; Schools; Community

Introdução

A problemática do *bullying* em contextos escolares tem sido objeto de estudo ao longo das últimas décadas, sendo amplamente reconhecida como uma das questões mais desafiadoras e persistentes no ambiente educativo (BEZERRA et al., 2023; PEREIRA, 2008; RIGBY, 2002; SALMIVALLI; KÄRNÄ; POSKIPARTA, 2011; YEAGER et al., 2015). Este fenómeno caracteriza-se por comportamentos agressivos, intencionais e repetidos, realizados por um indivíduo ou um grupo contra outro, causando não apenas prejuízos imediatos, mas também consequências a longo prazo para as vítimas, agressores e observadores (OLWEUS, 1993; PEREIRA, 2008; SALMIVALLI et al., 1996). Dada a sua complexidade e as suas implicações, diversos investigadores têm dedicado esforços significativos para compreender melhor este fenómeno e desenvolver estratégias eficazes para combatê-lo.

Conforme destacado por COPELAND et al. (2013), OLWEUS (1993) e WOLKE; LEREYA (2015), o *bullying* pode gerar efeitos devastadores na saúde mental, no desempenho académico e nas relações sociais dos envolvidos. Este reconhecimento incitou o desenvolvimento de programas de prevenção e intervenção que têm sido implementados em diversos contextos educativos por todo o mundo (FARRINGTON et al., 2017; GAFFNEY; FARRINGTON; TTOFI, 2019).

Um dos principais desafios identificados na literatura é a necessidade de abordagens que envolvam toda a comunidade escolar. Como indicado por ESPELAGE; SWEARER (2003), é imperativo que professores, alunos, assistentes operacionais e familiares estejam envolvidos de maneira ativa nas soluções. Esta abordagem holística é essencial para criar um ambiente educativo seguro e acolhedor, onde o *bullying* não encontre espaço para prosperar. Para além disso, a literatura recente tem enfatizado a importância de capacitar os alunos para que sejam agentes de mudança dentro das escolas. Programas como o KiVa, discutido por SALMIVALLI; KÄRNÄ; POSKIPARTA (2011) no estudo "*Counteracting bullying in Finland: The KiVa program and its effects on different forms of being bullied*", demonstram como a intervenção direta dos alunos pode ser eficaz. Nestes programas, os alunos são encorajados a participar ativamente na deteção de casos de *bullying* e na promoção de um clima escolar de respeito e inclusão. A eficácia dessas abordagens é também corroborada pelo estudo de GAFFNEY; FARRINGTON; TTOFI (2019) "*The systematic review of bullying prevention programs*", que revelou uma redução significativa nos incidentes de *bullying* como resultado da implementação de estratégias proativas nas escolas. Este estudo sublinha a importância de uma implementação cuidadosa e bem planeada, bem como a necessidade de avaliações periódicas para garantir a continuidade e a adaptação das estratégias às necessidades específicas de cada contexto escolar. Inspirados por estas pesquisas, e reconhecendo a necessidade urgente de abordagens eficazes que possam ser adaptadas ao contexto português, o presente trabalho visa explorar a implementação do Plano de Prevenção Anti-*Bullying* "Escola Sem Medos, Escola para Todos" num agrupamento de escolas da zona centro-litoral de Portugal. Este plano multifacetado, desenvolvido com o suporte científico do Centro de Investigação em Estudos da Criança da Universidade do Minho (CIEC-UM) é pioneiro ao integrar não só alunos, mas toda a comunidade escolar nas suas fases de diagnóstico, intervenção e avaliação. Portanto, este trabalho pretende não apenas descrever as especificidades e os resultados preliminares deste plano,

mas também discutir as implicações desses resultados para as práticas de prevenção de *bullying* em outras escolas, tanto em Portugal como em contextos internacionais. Ao fazer isso, espera-se contribuir significativamente para o corpo de conhecimento existente sobre estratégias eficazes de prevenção ao *bullying*, destacando a importância da participação ativa dos alunos e da comunidade escolar em geral.

Aporte teórico

O fenómeno de *bullying* é um problema complexo e dinâmico que ocorre em idade escolar, com especial incidência em ambientes escolares, caracterizado por comportamentos agressivos, intencionais e repetidos, perpetrados por um ou mais alunos contra um ou mais colegas (OLWEUS, 1993; PEREIRA, 2008; SMITH, 2014). O modo preventivo pode ser ativado de forma eficaz neste contexto se houver o envolvimento de toda a comunidade escolar, em particular dos alunos, uma vez que estes podem desempenhar um papel crucial na sua implementação. O papel dos observadores do fenómeno, quando utilizado de forma ativa e positiva na prevenção e na minimização de comportamentos agressivos entre pares pode ser catalizador de uma nova cultura escolar onde o bem-estar e a segurança estão assegurados (ESPELAGE; SWEARER, 2003; NICKERSON; RIGBY, 2017; OLWEUS, 1993; SALMIVALLI, 1999).

Programas de Prevenção Anti-Bullying

Vários programas de prevenção anti-*bullying* sugerem uma eficácia significativa de planos estruturados de prevenção e de redução do fenómeno de *bullying* em idade escolar e onde os alunos tomam parte ativa da implementação dos mesmos. Diversos estudos destacam como o envolvimento direto dos alunos pode fomentar um ambiente escolar mais seguro e inclusivo. Entre os programas mais notáveis que incorporam essa metodologia, destacam-se: (1) o *Olweus Bullying Prevention Program* (OBPP), programa abrangente que envolve alunos através de reuniões regulares onde discutem o *bullying* e desenvolvem regras de grupo contra tal comportamento, incentivando-os a apoiarem-se mutuamente e a intervir quando presenciarem situações de *bullying* (OLWEUS, 1993); (2) Programa PATHS (*Promoting Alternative Thinking Strategies*) promove o desenvolvimento emocional e social,

capacitando os alunos a reconhecer e gerenciar suas emoções, o que os habilita a resolver conflitos pacificamente e a intervir em situações de *bullying* de forma construtiva (GREENBERG; KUSCHÉ, 1994); (3) Programa *Second Step* ensina habilidades socioemocionais, capacitando os alunos a entenderem melhor as emoções dos outros e a intervir em situações de *bullying*, promovendo assim um ambiente escolar mais respeitoso e seguro (FREY et al., 2005); (4) Programa SWPBIS envolve alunos na definição de comportamentos esperados e positivos através de um modelo de suporte comportamental em toda a escola, incentivando-os a participar ativamente na criação de um ambiente escolar seguro e acolhedor (SUGAI; HORNER, 2006); (5) Programa KiVa inclui lições e jogos que incentivam os alunos a oporem-se ao *bullying*, promovendo a capacidade de agir como defensores dos colegas, o que reduz significativamente a incidência de *bullying* em contexto escolar (SALMIVALLI; KÄRNÄ; POSKIPARTA, 2011); por último, (6) o Programa *Friendly Schools* que envolve os alunos na promoção da amizade e no suporte mútuo através de atividades que fortalecem a compreensão sobre o *bullying* e suas consequências, incentivando ações proativas para um ambiente escolar mais amigável (CROSS et al., 2011). Apesar da variabilidade dos resultados destas intervenções (e de outras semelhantes), elas apresentam em média e por comparação com o trabalho feito pelas medidas padrão promovidas pelas escolas, uma redução de 19% a 20% dos episódios de *bullying* e 15% a 16% de vitimização (GAFFNEY; FARRINGTON; TTOFI, 2019). Estes resultados, embora modestos, revelam a sua importância e a eficácia potencial deste tipo de abordagens em contextos escolares onde deve ser assegurado permanentemente um ambiente de aprendizagem livre de ameaças e inclusivo para todos os alunos.

Inspirados por estas abordagens metodológicas, pela necessidade de intervir qualitativamente em contextos escolares e pela motivação intrínseca dos alunos em se envolverem em projetos de intervenção promotores da melhoria das suas condições de bem-estar e de segurança introduzimos um Plano de Prevenção Anti-*Bullying* em idade escolar num Agrupamento de escolas da zona centro-litoral de Portugal. Este, é um plano designado "Escola Sem Medos, Escola para Todos", previsto implementar numa perspetiva longitudinal (para o período de 2022 a 2025), é uma iniciativa multifacetada que envolve uma metodologia participativa dos alunos e outros membros da comunidade educativa. É desenvolvido com o suporte científico

do Centro de Investigação em Estudos da Criança da Universidade do Minho – Portugal (CIEC-UM).

O plano é definido por uma abordagem estratégica que inclui várias fases: diagnóstico, intervenção e avaliação. Durante estas fases, são implementadas ações específicas como formação de docentes, representantes dos encarregados de educação, alunos e assistentes operacionais, além de reflexões partilhadas em aulas de cidadania e e caixas de pedido de ajuda para facilitar a comunicação. Os alunos diretamente envolvidos neste plano estão em anos de escolaridade críticos, que geralmente correspondem às idades de 9 anos (4º ano), 12 anos (7º ano), 14 anos (9º ano) e 17 anos (12º ano), abrangendo tanto o ensino básico quanto o secundário.

O objetivo principal é promover um ambiente seguro e inclusivo, livre de *bullying*, onde todos os membros da comunidade escolar são encorajados a participar ativamente na prevenção e intervenção em casos de *bullying*. Este plano visa não só a educação e sensibilização sobre o *bullying* mas também a implementação de estratégias proativas e reativas para lidar com o fenômeno, garantindo um ambiente de aprendizagem positivo e de suporte para todos os estudantes. Neste âmbito, surge a figura principal deste plano: o aluno embaixador anti-*bullying*.

Capacitação de alunos como agentes de prevenção - Embaixadores Anti-Bullying (aEAB)

O aluno Embaixador Anti-Bullying (aEAB) é uma peça chave no Plano de Prevenção Antibullying "Escola Sem Medos, Escola para Todos". É uma rapaz ou rapariga, convidado a participar de forma direta e selecionado por demonstrar qualidades como liderança, empatia, responsabilidade e habilidades de comunicação, características essenciais que são valorizadas por seus pares e que são fundamentais para a promoção de um ambiente escolar positivo. Quando formado/capacitado pelos investigadores do Plano de Prevenção Anti-Bullying assumem o papel de formadores responsáveis por ações de formação anti-bullying a turmas de alunos com idades inferiores às suas.

No âmbito do plano "Escola Sem Medos, Escola para Todos" os aEAB são capacitados através de ações de formação cuidadosamente preparadas com o objetivo de os dotar de conhecimentos e competências necessárias para reconhecer situações de *bullying*, intervir adequadamente e oferecer suporte às vítimas. É neste

espaço formativo, composto por 4 sessões de 1h30, que são estimulados a adquirir técnicas de comunicação eficaz, de gestão de conflitos e de estratégias de sensibilização e prevenção. Após a formação, os embaixadores assumem (em equipas de três elementos) o papel de disseminadores destas informações, conduzindo sessões de sensibilização e servindo como mentores e líderes no contexto escolar a colegas mais novos.

A estratégia de envolver alunos na prevenção do *bullying* é suportada por pesquisas atuais no campo da psicologia educacional com especial destaque para os trabalhos de (SAARENTO; BOULTON; SALMIVALLI, 2015; SALMIVALLI, 2010). Em ambos os trabalhos os autores enfatizam a eficácia de mobilizar os alunos como agentes ativos na prevenção do *bullying*, adotando uma abordagem onde podem desempenhar papéis de "defensores" das vítimas. Estes estudos reforçam a importância dos programas que envolvem alunos como Embaixadores *Antibullying*, que não usam apenas as suas habilidades sociais para influenciar positivamente o clima escolar, como também são baseados em evidências robustas que destacam sua eficácia na redução de comportamentos de *bullying*.

Encaminhamentos metodológicos

Este trabalho faz parte do projeto de intervenção intitulado "Escola Sem Medos, Escola para Todos". A pesquisa é qualitativa e empírica com entrevistas em grupos focais dos alunos participantes no Plano de Prevenção *Anti-Bullying* como embaixadores. O objetivo da pesquisa foi compreender os efeitos da implementação de intervenção e explorar as percepções, motivações e impactos dos alunos embaixadores *antibullying* em relação às ações de formação realizadas.

Para garantir a integridade ética e legal do estudo sobre a eficácia dos embaixadores anti-bullying neste Agrupamento de Escolas Português foram adoptados procedimentos meticulosos conforme as normas vigentes. Inicialmente, o projeto foi submetido e aprovado pela direção do Agrupamento de Escolas envolvido, assegurando que a investigação estava alinhada com as políticas educacionais locais e recebia o suporte administrativo necessário. Além disso, foi obtido o consentimento informado dos encarregados de educação dos alunos participantes, garantindo que estavam cientes dos objectivos do estudo, dos procedimentos envolvidos, dos benefícios esperados e dos potenciais riscos. Complementar a essa medida, o

assentimento dos alunos também foi solicitado para respeitar a autonomia e a capacidade de decisão dos próprios jovens envolvidos, mesmo que menores de idade. Outro passo crucial foi a obtenção de aprovação pela Comissão de Ética para a Investigação em Ciências Sociais e Humanas da Universidade do Minho sob a seguinte identificação: CEICSH 036/2023.

Foi igualmente implementada uma política rigorosa de privacidade e confidencialidade para proteger os dados recolhidos. Esta política detalha como os dados são armazenados, quem tem acesso a eles e como são utilizados, garantindo que a privacidade dos participantes seja preservada durante todo o processo de investigação.

Por fim, desenvolvemos um plano de gestão de dados e um protocolo de intervenção para incidentes. Este plano abrange desde a recolha até o armazenamento e análise dos dados, definindo claramente como lidar com qualquer situação sensível ou incidente de *bullying* que possa surgir durante a investigação. Este protocolo estabelece directrizes claras para intervenções éticas e eficazes, garantindo a segurança e o bem-estar de todos os participantes.

Procedimentos

Durante quatro semanas consecutivas, nos meses de abril e maio de 2023, realizaram-se sessões de formação semanais de três horas cada, fora do horário letivo dos alunos envolvidos e de forma voluntária, totalizando 12 horas. Neste período, os alunos embaixadores anti*bullying* foram instruídos sobre os fundamentos do fenómeno de *bullying*, abrangendo os vários tipos, formas, comportamentos mais comuns e os impactos que estes tiveram tanto nas vítimas quanto na comunidade escolar e prepararam materiais multimédia e audiovisuais para usarem nas ações de formação que iriam dar a tumbas de colegas mais novos. Estes embaixadores foram capacitados não apenas para entender o *bullying*, mas também para educar seus colegas mais novos sobre esta questão crítica. Utilizando métodos eficazes, baseados nas pesquisas de GAFFNEY, FARRINGTON e TTOFI (2019), eles aprenderam a comunicar de forma clara e acessível informações pertinentes sobre o *bullying*. Esta abordagem visou aumentar a conscientização e compreensão das crianças mais jovens que os aEAB, que muitas vezes têm menos conhecimento sobre o assunto.

Adicionalmente, as sessões de formação foram projetadas para encorajar os aEAB a promoverem um diálogo aberto. Criaram-se condições favoráveis para que os alunos mais jovens expressassem suas próprias experiências e preocupações relacionadas com o *bullying*, tanto durante quanto no final das sessões de capacitação. Este ambiente de suporte e compreensão mútua foi essencial para a eficácia do programa. Para garantir a qualidade e a eficiência destas iniciativas, todas as sessões de capacitação dos embaixadores e as subsequentes ações de formação dirigidas aos colegas mais novos nas suas turmas foram acompanhadas, supervisionadas e orientadas por investigadores na área das ciências sociais e por psicólogos especializados. Esta supervisão profissional assegurou que os programas não apenas cumprissem seus objetivos educacionais, mas também proporcionassem um ambiente seguro e construtivo para todos os envolvidos.

Amostra

A população participante dos grupos focais foi de 15 alunos Embaixadores *Antibullying* (aEAB) com idades compreendidas entre os 12 e os 18 anos. Os critérios de inclusão foram: estar matriculados e a frequentar o Agrupamento de escolas, estar inscritos na Plano de Prevenção *Anti-Bullying* sob o projeto “Escola sem Medos, Escola para Todos” e que tenham realizado pelo menos uma sessão formativa.

No âmbito do estudo sobre a eficácia dos embaixadores *anti-bullying*, procedeu-se à recolha e análise de dados empíricos através de entrevistas focais. Para a organização dos grupos, a distribuição dos aEAB foi feita tendo como referência os anos de escolaridade assegurando, deste modo, uma experiência comum entre pares. Os aEAB que reuniram condições para a sua participação nos grupos focais foram distribuídos por três grupos distintos: primeiro grupo do 5.º ano; segundo grupo do 6.º ano e um grupo do ensino secundário.

Os recursos utilizados foram:

- Equipamento para gravação - mesa de mistura com microfone externo, notebook com possibilidade de captar e gravar áudio; e telemóvel com aplicação para registo de áudio;
- Humanos: dois investigadores do CIEC-UM responsável por este projeto;
- Temporais: pretendeu-se que cada sessão tivesse a duração máxima de 50 minutos com tolerância de 10 minutos.

As orientações para a roda de conversa foram:

- > apresentação dos Investigadores e explicação do propósito da entrevista;
- > certificar de que todos os participantes se sentiam à vontade e motivados para expressar as suas opiniões;
- > certificar de que todos os participantes tinham o cartão à sua frente com o seu nome;
- > explicar que a entrevista iria ser gravada para fins de análise posterior, garantindo a confidencialidade das informações compartilhadas.

Cada entrevista iniciou com a gravação áudio e a confirmação de que os dispositivos estavam a gravar por parte dos investigadores. Como dinâmica de acolhimento, cada participante disse o seu nome, idade e uma ação que começasse com a mesma letra do nome. Por exemplo, "O meu nome é Daniel, tenho 12 anos e danço". A atividade continuou em sequência até que todos tivessem participado.

O Guião das Entrevistas encontrava-se dividido em quatro categorias/dimensões e permitia aferir dimensões como a motivação, impactos nas relações sociais, impactos na vida escolar e impactos pessoais por ter participado como aEAB no Plano de Prevenção Anti-Bullying. Em cada um dos grupos focais a entrevista seguia o alinhamento previsto (ver Tabela 1) e a partir do qual apresentava as questões geradoras por ordem apresentada no Guião e, para complementar as respostas, enriquecendo-as, usava pistas orientadoras e ou complementares, também elas previstas.

Quadro 1: Guião das Entrevistas realizadas aos alunos Embaixadores Anti-Bullying

	Dimensões	Pergunta geradora	Pistas orientadoras/complementares
Categoria 1	Motivações	1.º - Por que razão decidiste participar nas ações de formação antibullying?	a) Testemunhaste ou experienciaste situações de <i>bullying</i> antes de decidires participar? b) Quais foram as tuas principais motivações pessoais para te envolveres nessa iniciativa? c) O que esperavas alcançar ao participar nas ações de formação? d) Alguém te influenciou ou encorajou a participar? Se sim, quem e como isso te afetou?
Categoria 2	Impactos nas relações sociais	2.º - Notaste alguma mudança na forma como os teus colegas interagem uns com os outros desde as ações de formação?	a) Podes dar exemplos específicos de situações em que tenhas notado essa mudança? b) Como é que essas mudanças afetaram o ambiente escolar em geral? c) Sentes que as ações de formação ajudaram a promover mais empatia e respeito entre os colegas? d) Existe algum desafio persistente na relação entre os teus colegas que ainda precisa de ser falado?

Categoria 3	Impactos na vida escolar	3.º - Achas que as ações de formação ajudaram a melhorar a forma como os professores e funcionários lidam com o <i>bullying</i> ? De que forma?	a) Quais foram as principais mudanças que notaste no ambiente escolar desde as ações de formação? b) As ações de formação ajudaram a promover uma maior consciência e compreensão sobre o <i>bullying</i> entre os alunos? c) Existem políticas ou medidas específicas implementadas na escola como resultado das ações de formação?
Categoria 4	Impactos pessoais	4.º - As ações de formação mudaram a forma como te relacionas com os teus colegas na escola ou fora da escola?	a) De que maneira as ações de formação influenciaram a forma como te relacionas com os colegas? b) Sentiste um aumento na empatia e na capacidade de compreender as experiências dos outros após as ações de formação? c) Houve alguma situação em que as habilidades ou conhecimentos adquiridos durante as ações de formação te ajudaram a lidar com conflitos ou situações de <i>bullying</i> na escola ou fora dela? d) Como as mudanças na forma como te relacionas com os colegas afetaram a tua experiência escolar de forma geral?

Fonte: Elaboração própria (2024)

Para garantir uma metodologia rigorosa, optou-se pela utilização do software *riverside.fm*, um recurso tecnológico avançado para gravação de áudio e vídeo, que permite capturar as interações nos focus groups com alta fidelidade. Posteriormente, implementou-se um processo de transcrição, convertendo o áudio gravado em texto escrito (.txt). Este processo foi crucial para assegurar a integridade dos dados qualitativos recolhidos e facilitar uma análise de conteúdo subsequente. O software *riverside.fm* destaca-se pelas suas funcionalidades que permitem uma sincronização precisa entre áudio e texto transcrito, essencial para a acurácia na correspondência dos dados. A fase seguinte do método envolveu a aplicação de técnicas de análise de conteúdo qualitativo, conforme descrito por SALDAÑA (2021). Esta abordagem analítica consistiu na identificação sistemática de temas e padrões dentro das transcrições, utilizando um esquema de codificação que combinava categorias dedutivas, baseadas em teorias e literaturas pré-existentes, com categorias indutivas que emergiram diretamente dos dados. Este processo dual de codificação permitiu uma exploração aprofundada das narrativas dos embaixadores, revelando insights significativos sobre as dinâmicas e eficácia do programa anti*bullying*.

Resultados e Discussão

Os grupos foram atendidos separadamente e o tempo das entrevistas, que foram estipulados em 50min, variaram de 34 minutos a 55 minutos, isso deve-se ao fato de que havia embaixadores que conversaram mais, relataram casos de *bullying* e, em dois grupos, haviam embaixadores que sofreram *bullying* no passado e sentiram a necessidade de falarem sobre seus sofrimentos. Para a confirmação das transcrições, quando restavam dúvidas, os áudios originais foram ouvidos. Para os relatos aqui expostos optamos por resumir as falas e não transcrevê-las na íntegra pela questão de extensão textual, foram utilizadas palavras sinónimas, retiradas as expressões populares e gírias próprias da idade. O início da entrevista com todos os grupos seguiu o mesmo roteiro, apresentação e dinâmica com o nome, seguindo com as questões das categorias 1, 2, 3 e 4 e finalizando com uma avaliação do projeto. Segue o relato de cada grupo:

Grupo 1 - O grupo era composto por 6 alunos de 5º ano, média de idade de 12 anos, seus códigos de identificação são: A1, A2, A3, A4, A5 e A6, tempo de duração: 52 minutos. Na categoria 1, quanto às motivações da decisão em participar nas ações de formação *antibullying*, as respostas foram: aprender mais sobre o *bullying*, aprender a prevenir, ajudar as pessoas que não sabem o que fazer, ensinar as crianças a não fazerem *bullying*, ajudar as crianças que sofrem *bullying*. Uma embaixadora, A2, disse que já sofreu *bullying* e queria passar as informações que não recebeu na época para ajudar as pessoas a não passarem pelo mesmo que passou.

Nas respostas da categoria 2, os alunos disseram que houve impactos nas relações sociais. Todos foram unânimes em afirmar que mudaram seus comportamentos para melhor, passaram a entender o que é o *bullying*, compreenderam melhor este assunto. Em relação aos colegas, depois que fizeram as apresentações para as turmas, afirmaram que as conversas começaram a ser mais corretas, mais calmas, os colegas começaram a se comportar melhor, a mudar as atitudes que tinham em relação ao *bullying*.

De forma unânime, todos os participantes afirmaram nunca terem visto casos de *bullying* nessa escola, o que não significa, segundo eles, que não haja *bullying* no local, mas que pode acontecer em locais escondidos ou longe da presença deles. Definiram as pessoas que trabalham na escola como “*peças excelentes, civilizadas*”

Na categoria 3, quanto aos impactos na vida da escola, todos foram unânimes em afirmar que houve melhorias onde já era muito bom, que os professores da escola já sabiam sobre o *bullying*, já lidavam com o problema há muito tempo e que as suas ações, que já eram boas, ficaram ainda melhor. Também houve concordância geral de que isso é diferente com os funcionários da escola, citaram casos de violência visto por funcionários e que estes nada fizeram.

Foi discutida entre a turma a questão da aceitação dos embaixadores pelos demais colegas, disseram que não sentiram rejeição, que não foram perseguidos pelos agressores e que foram muito bem aceites por todos. Os elogios à escola continuaram, definiram-na como perfeita, uma escola que age rápido e age bem e que já era assim antes do projeto.

Na categoria 4, sobre os impactos pessoais, ficou explícito que todos mudaram, ficaram mais calmos, tornaram-se pessoas melhores, conseguindo controlar-se mais em relação a respostas agressivas aos colegas de turma, o instinto defensivo, explosivo e o desejo de vingança foram controlados, inclusive nas atividades desportivas. Para se manter calmo o conselho de A5 foi ignorar, deixar os agressores a falar sozinho. Afirmaram que o ambiente da turma melhorou, antes, quando havia luta, os alunos ficavam assistindo e aplaudindo, agora voltam-se às costas ou dizem para parar. A2 fecha a discussão com a seguinte expressão: *“Isso é a evolução da aprendizagem, a gente vai descobrindo que existem outras formas de lidar com o mesmo problema.”*

Fazendo uma avaliação do projeto, as afirmativas que surgiram foram: *“ajudou muita gente, foi muito bem organizado, correu tudo de acordo como estava para ser, desde as horas de formação até as apresentações; professor muito bom, sempre simpático”*.

As sugestões para a melhoria do projeto foram: fazer ações facultativas para os funcionários e professores; estudar mais e aprofundar o conhecimento sobre *bullying*, aprender mais, ter mais embaixadores. Essa última sugestão foi rejeitada por A6, para ele a quantidade de embaixadores é suficiente, o que falta é aprofundamento dos conhecimentos.

Esse grupo apresentou uma visão otimista sobre a escola, relatou que não há casos de *bullying* na escola, que é uma escola de excelência e o projeto só veio a melhorar esse nível. Criticaram os funcionários que, por vezes, veem algum conflito ou violência entre os alunos e nada fazem para ajudar. Todos afirmaram que entraram

no projeto com a intenção de ajudar os colegas. Os alunos demonstraram um nível alto de desenvolvimento discursivo, argumentativo e de conhecimento sobre o *bullying*.

Grupo 2 - Foi formado por 5 embaixadores, a média de idade era de 11 anos, os códigos de identificação foram: B1, B2, B3, B4 e B5, tempo da entrevista: 36 min. Iniciando as entrevistas com a categoria 1: Motivações, a resposta unânime foi: ajudar outras pessoas. As variações foram: para aprender mais, para saber ensinar outras pessoas a se defenderem e aprenderem a não fazer *bullying*, para ajudar a evitar problemas na escola. Apenas um dos participantes afirmou já ter visto um caso de *bullying* na escola, os demais, viram casos pontuais de violência na escola. Os embaixadores declararam que ninguém fez *bullying* com eles por serem embaixadores, nem gozaram com eles, mas que tinham medo por já terem sofrido *bullying* antes.

Na categoria 2, Impactos nas relações sociais, referindo-se a mudanças observadas nos colegas, os embaixadores afirmaram que houve mudanças para melhor no comportamento dos colegas, que passaram a ajudar uns aos outros e que o ambiente escolar mudou para melhor, afirmando que não era mau antes. A discussão ficou entre a afirmação de que a escola era e é muito boa, mas tem muito a melhorar. Teceram críticas aos funcionários que veem casos de *bullying* e violência na escola e não fazem nada. Que há conflitos na forma como os funcionários tratam os alunos, pois estes os vêem como alguém que está sempre a prejudicar o outro. A dúvida dos embaixadores era se os funcionários veem e não fazem nada ou não veem?

Categoria 4: Impactos pessoais, em relação a melhoria individual de cada embaixador, B1 disse que pensa melhor antes de falar alguma coisa para não magoar as pessoas. B1 ao mesmo tempo que disse que não vai mudar personalidade por causa dos outros, afirma também que mudou desde o projeto. Ao dizer que mudou com seus colegas, afirma também que seus colegas mudaram com ele e passaram a ser todos amigos. B4 disse que passou a ser mais compreensiva. B3 disse que sua compreensão com os colegas aumentou, que antes era mais explosivo e que hoje se lembra do projeto e controla sua impulsividade. B5 relatou ter visto coisas novas, ter feito coisas completamente diferentes e acha que ficou mais compreensivo com os colegas.

As sugestões para o projeto foram: fazer essa formação em outras escolas, confirmar se as formações/orientações dadas em outras escolas estão sendo cumpridas, ter mais funcionários nas escolas, mais higiene, haver melhores condições para andar na escola, trazer um praticante de *bullying* que tenha mudado e melhorado o comportamento, para dar um testemunho na escola. O ponto positivo do projeto foi que a escola estava melhor, não em relação aos funcionários e professores, mas sim com os alunos, por esse motivo é que o projeto deveria ser estendido aos professores e funcionários, afirmaram que a escola deveria ficar mais unida. Este apresentou-se como um grupo animado, brincalhão, mas sérios quando se trata do tema *bullying*. Demonstraram bom conhecimento sobre o tema, criticaram a falta de atuação dos funcionários quanto a intervenção de problemas relacionados com a violência na escola. Afirmaram que na escola há muitos casos de *bullying* e que entraram no projeto com o objetivo de ajudar os colegas.

Grupo 3 - Esse grupo era composto por quatro embaixadoras, C1, C2, C3 e C4, com idade entre 16 a 18 anos, o tempo de duração foi de 55 min. Na categoria 1, quanto às motivações que as levaram a serem embaixadoras, foram unânimes em responder que queriam ajudar as pessoas, as variações foram: ajudar quem sofre *bullying* e precisa de ajuda, ajudar a conscientizar a sociedade atual, relataram que há pessoas que não conseguem pedir ajuda por não confiarem em ninguém, que sofrem e não falam nada para ninguém. As embaixadoras C2 e C3 declararam já terem sofrido *bullying* e queriam apoiar as vítimas e conscientizar as pessoas sobre o que é o *bullying*. C2 disse que *“por um lado eu entrei para ajudar as outras pessoas e também para ajudar a mim mesma, porque eu ainda não superei aquilo que passei.”*

As embaixadoras relataram já terem visto casos de *bullying* e/ou escutado relatos de amigos. C1 relatou histórias contadas por amigos:

Eu vi-me nos olhos das pessoas, aquele sentimento de mágoa e pensar... o porquê de isto estar a acontecer e de haver pessoas que se sentem no direito de fazer isto com outras. Pensar assim, nós somos todos seres humanos, temos todos os sentimentos e vai-nos afetar a todos, quer seja de uma maneira ou de outra, e é mesmo aquela sensação de tentar ajudar a perceber o porquê e ir à fonte, que é o que nós temos feito com os outros, tentar perceber as motivações dos bullies, mas dar um conforto também aos vitimados, deixar claro que não estão sozinhos (C1).

C4 relatou ter sido vítima de *bullying* porque passou a ser embaixadora, pelo fato de apoiar as vítimas. Quanto a Categoria 2, as embaixadoras não conseguiram definir se houve impactos nas relações sociais, alegaram que é difícil avaliar mudanças ocorridas em outra pessoa e que não têm contato próximo com elas para poderem fazer essa avaliação, mas relataram o que é visível: que os colegas se demonstraram indiferentes, não demonstraram curiosidade, não demonstraram vontade em saber mais, indiferença ao projeto. C2 relatou o seguinte numa turma em que falavam sobre o assunto:

Teve um rapaz que acabou por sair da sala porque já sofreu *bullying*, sentiu-se mal e foi para fora a chorar, e a maior parte riam-se, principalmente quando foi mostrado um vídeo a escola fez sobre o *bullying*, e eles riam com o vídeo (C2).

C2 disse não poder avaliar se mudaram porque não tem amigos, a única amiga que tem é C1. C2 disse que pensou que iria entrar no projeto e iria tentar superar aquilo que passou, mas isso não ocorreu, não encontrou nada que pudesse ajudar. C3 percebeu o interesse de amigos em participar do projeto depois que viram as ações desenvolvidas por ela. Na turma em que estuda, conforme relato de C3, há alunos que ainda continuam a praticar *bullying* e que foram completamente indiferentes ao projeto. C4 disse que: “*no conjunto geral, são pessoas que fingem importar-se com estas questões, mas não se importam realmente com os sentimentos das pessoas, então são capazes de praticar bullying.*” Porém, foi perceptível, segundo relato de C4, que uma pequena consciência teve início “*é só uma pequena, mas começa...*”

Para C4, muita gente precisa de ajuda, “*aquilo que não pude ter, não tive ajuda, não tive estes conselhos, agora estamos a dar nestas informações.*” Para a embaixadora, deve-se focar mais em quem está a sofrer, não em quem está a fazer *bullying* porque, segundo C4, quem está praticando receberá a atenção que merece, pois precisa de ajuda, mas quem está a sofrer precisa de apoio urgente.

Quanto aos impactos na vida escolar, categoria 3, para as embaixadoras, funcionários e professores que já ajudavam antes do projeto, continuaram a ajudar, funcionários e professores que não ajudavam, continuarão a não ajudar, então, nada mudou em relação à escola. A dúvida é que não estão em contato diário com os funcionários, então não há como avaliar se mudaram ou não, mesmo porque, também

não há como afirmar se viram ou não os casos de *bullying*, pois o agressor sempre procurará fazer escondido, isso na opinião majoritária dos embaixadores deste grupo. Porém, acreditam que o projeto funcionou, que foi colocado uma questão de reflexão para todos da escola e essa consciência aconteceu com o projeto, conforme relatos da maioria do grupo.

Quanto a mudanças pessoais, todos relataram terem ficado mais alerta em relação ao agressor, observando os seus comportamentos e em relação às vítimas. C1 disse que passou a notar quando um amigo se distancia, que passou a incluir os que estão tentando se isolar e procura saber o motivo do desejo de isolamento. C2 disse que pensa mais e melhor antes de falar algo ou fazer algo. C3 disse que começou a prestar mais atenção naquilo que a rodeava e em quem precisava de ajuda e o que precisava. C4 relatou que “*é cansativo sofrer sempre os mesmos ataques, não ter paz*”, que ficava triste, mas com o projeto isso melhorou.

Na avaliação geral do projeto, foi avaliado como bom, nos grupos de formação as dinâmicas foram avaliadas como ótimas, disseram que o professor responsável pelo projeto não só deu a matéria, mas também brincou. Conforme as embaixadoras o projeto teve um impacto bastante positivo, não chegou a todos, mas pode chegar, e disso deriva a sugestão: mais divulgação, o projeto poderia chegar a mais pessoas.

O terceiro grupo foi composto por alunas com comportamentos mais adultos, centradas nos seus problemas, mas sem deixar de pensar nos outros, pois todas afirmaram que entraram no projeto com o propósito de ajudar os colegas. Demonstraram domínio sobre o tema *bullying*, sobre como agir e incluir colegas que podem estar sendo excluídos dos círculos de amizades. Também criticaram os funcionários.

Percebe-se a mudança de visão sobre a escola da primeira para a segunda e para o último grupo, que passa sobre a idealização da escola como perfeita para uma escola com casos de *bullying*, mas que tem se esforçado para resolver a questão.

Foi unânime a entrada no projeto com o objetivo de poder ajudar os colegas para que não sejam vítimas de *bullying*. O desejo de ajudar o outro converte-se em apoio mútuo, que é uma estratégia fundamental entre pares que resulta em melhorias, não só em questões relacionadas ao *bullying*, mas também no fomento a um ambiente escolar seguro e inclusivo (OLWEUS, 1993). O suporte mútuo promove o sentimento de segurança para quem está sendo vítima de *bullying* e incentiva ações proativas para o fortalecimento das amizades, impedindo o isolamento da vítima (CROSS et al.,

2011). A oposição frente ao *bullying* promovida pelos próprios alunos reduz a incidência do fenômeno na escola, pois passa a informação às vítimas de que não estão sozinhas, que podem contar com a ajuda dos embaixadores que atuam como defensores dos colegas (SALMIVALLI; KÄRNÄ; POSKIPARTA, 2011). Como mudanças de comportamentos, os embaixadores citaram o autocontrole das emoções que é parte importante tanto da intervenção como para a prevenção de casos de *bullying*.

Foi unânime também a reclamação sobre a falta de atuação dos funcionários para ajudar na questão violência escolar. De forma geral, percebe-se que o programa aproximou alunos com os mesmos objetivos, ampliou o conhecimento desses alunos sobre *bullying* bem como estimulou atitudes proativas entre os pares. O estímulo aos comportamentos positivos na escola pode ser desenvolvido inclusive pelos comportamentos próprios dos embaixadores que postam-se como incentivadores de ações proativas em benefício de um ambiente escolar acolhedor (SUGAI; HORNER, 2006). As mudanças de comportamentos relatadas, tanto as individuais como as perceptíveis nos colegas de escola podem ser o início do desenvolvimento de uma nova cultura escolar (ESPELAGE; SWEARER, 2003; NICKERSON; RIGBY, 2017; OLWEUS, 1993; SALMIVALLI, 1999). A mudança não ocorre em um momento, ela é um processo contínuo, mas toda e qualquer mudança deve ter um começo..., mas deve começar, como afirmou C4.

Considerações finais

O objetivo da pesquisa foi explorar as percepções, motivações e impactos dos alunos embaixadores anti*bullying* em relação às ações de formação realizadas. A percepção que têm é que informações sobre o *bullying* são importantes e devem chegar a todos pois ajuda na prevenção de casos. As motivações foram, na maioria, pessoais que foi a intenção de ajudar as vítimas. Os impactos individuais percebidos foram a melhoria do comportamento, com maior autorregulação das emoções, maior compreensão sobre o comportamento do outro. Os impactos percebidos nas escolas foram os de melhoria nos relacionamentos entre alunos. A formação realizada surtiu efeito positivo e promoveu ações proativas realizadas pelos embaixadores. A avaliação geral do projeto foi muito boa, as sugestões foram de que esse projeto deveria chegar a todos, principalmente aos funcionários da escola, maior divulgação.

Em resumo, ações preventivas realizadas pelos grupos de embaixadores, como apresentar informações aos demais colegas sobre o *bullying* mostraram ótimos resultados quando todos os grupos responderam que houve mudanças para melhor tanto no comportamento individual de cada embaixador, como no comportamento dos colegas e melhoria no ambiente escolar.

Fechamos as considerações com o comentário de A2: “*Isso é a evolução da aprendizagem, a gente vai descobrindo que existem outras formas de lidar com o mesmo problema.*”

Referências

BEZERRA, L. L. D. A. L. et al. Anti-bullying interventions with an emphasis on bystanders: a scoping review. **Journal of School Health**, v. 93, n. 11, p. 1036–1044, nov. 2023.

CROSS, D. et al. Three-year results of the Friendly Schools whole-of-school intervention on children’s bullying behaviour. **British Educational Research Journal**, v. 37, n. 1, p. 105–129, fev. 2011.

ESPELAGE, D. L.; SWEARER, S. M. (Eds.). **Bullying in American schools**. 0. ed. [S.l.]: Routledge, 2003.

FARRINGTON, D. P. et al. Systematic reviews of the effectiveness of developmental prevention programs in reducing delinquency, aggression, and bullying. **Aggression and Violent Behavior**, v. 33, p. 91–106, mar. 2017.

FREY, K. S. et al. Reducing playground bullying and supporting beliefs: an experimental trial of the Steps to Respect program. **Developmental Psychology**, v. 41, n. 3, p. 479–490, 2005.

GAFFNEY, H.; FARRINGTON, D. P.; TTOFI, M. M. Effectiveness of school-based programs to reduce bullying: a systematic and meta-analytic review. **International Journal of Bullying Prevention**, v. 1, n. 1, p. 14–31, mar. 2019.

GREENBERG, M.; KUSCHÉ, C. Promoting social and emotional development in deaf children: the PATHS project. **Choice Reviews Online**, v. 31, n. 10, p. 31-5576-31-5576, jun. 1994.

NICKERSON, A.; RIGBY, K. Understanding and responding to bullying in the school setting. In: THIELKING, M.; TERJESEN, M. D. (Eds.). **Handbook of Australian school psychology**. Cham: Springer International Publishing, 2017. p. 521–536.

OLWEUS, D. *Bullying at school: what we know and what we can do*. **Malden: Blackwell Publishing**, 1993. p. xii, 140.

PEREIRA, B. O. **Para uma escola sem violência: estudo e prevenção das práticas agressivas entre crianças**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2008.

RIGBY, K. **New perspectives on bullying**. London; Philadelphia, PA: J. Kingsley, 2002.

SAARENTO, S.; BOULTON, A. J.; SALMIVALLI, C. Reducing bullying and victimization: student- and classroom-level mechanisms of change. **Journal of Abnormal Child Psychology**, v. 43, n. 1, p. 61–76, jan. 2015.

SALDAÑA, J. **The coding manual for qualitative researchers**. 4. ed. Los Angeles: SAGE, 2021.

SALMIVALLI, C. Participant role approach to school bullying: implications for interventions. **Journal of Adolescence**, v. 22, n. 4, p. 453–459, ago. 1999.

SALMIVALLI, C. et al. Bullying as a group process: participant roles and their relations to social status within the group. **Aggressive Behavior**, v. 22, n. 1, p. 1–15, 1996.

SALMIVALLI, C. Bullying and the peer group: a review. **Aggression and Violent Behavior, Special Issue on Group Processes and Aggression**, v. 15, n. 2, p. 112–120, mar. 2010.

SALMIVALLI, C.; KÄRNÄ, A.; POSKIPARTA, E. Counteracting bullying in Finland: the KiVa program and its effects on different forms of being bullied. **International Journal of Behavioral Development**, v. 35, n. 5, p. 405–411, 2011.

SMITH, P. K. Understanding school bullying: its nature and prevention strategies. Thousand Oaks, CA: **Sage Publications**, Inc, 2014. p. vii, 229.

SUGAI, G.; HORNER, R. R. A promising approach for expanding and sustaining school-wide positive behavior support. **School Psychology Review**, v. 35, n. 2, p. 245–259, 2006.

YEAGER, D. S. et al. Declines in efficacy of anti-bullying programs among older adolescents: theory and a three-level meta-analysis. **Journal of Applied Developmental Psychology, Bullying Prevention and Intervention**, v. 37, p. 36–51, mar. 2015..